MULHERES NEGRAS NA UNIVERSIDADE: DESAFIOS ENFRENTADOS PARA A PERMANÊNCIA E O AFROAFETO COMO POLÍTICA DE PERMANÊNCIA

Ana Raquel Silva Reginaldo[1]
Natalia Cabanillas[2]

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e discutir teoricamente sobre os desafios enfrentados dentro da universidade pública para a comunidade feminina negra e evidenciar o afroafeto, conceito de Marta Quintiliano (2019), como agência de permanência a partir das narrativas de estudantes negras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, campus Ceará. Para isso, metodologicamente, se baseia em uma pesquisa com debate teórico, bibliográfico, com análise de dados, censos e estatísticas, assim como, a utilização de narrativas com entrevistas abertas. Entres os resultados pode-se perceber os desafios que as mulheres negras enfrentam na universidade, com base em exemplos do estudo de caso da Unilab/CE, incluindo minhas próprias vivências como mulher parda e de origem periférica. Entre os desafios interessa enfatizar: 1) a baxísima representatividade das mulheres negras na ciência, seja como professoras ou como leituras obrigatórias – desde o projeto pedagógico de curso, como nas ementas de disciplinas –; 2) a carência de debates sobre as questões étnico raciais em sala de aula (o problema da representatividade epistémica); 3) a discriminação face a face; as dificultades advindas do racismo e machismo estrutural; 4) as consequências racistas das noções meritocráticas que regulam os editais para acesso à auxilios permanência e bolsas estudantis. Desse modo, a pesquisa faz parte de um projeto maior cujo tem o principal objetivo em analisar as trajetórias e o afroafeto das mulheres negras estudantes da Unilab, logo, a partir deste pressuposto pode-se entender como o afroafeto é uma política de pertencimento e o seu reconhecimento é necessário para o fortalecimento a partir dos desafios, em uma perspectiva interseccional, das estudantes negras.

Palavras-chave: Unilab; Estudantes Negras; Permanência; Afroafeto.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (FUNCAP), Instituto de Humanidades, Discente, anaraquel@aluno.unilab.edu.br[1]
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (FUNCAP/BPI), Instituto de Humanidades, Docente, nataliacabanillas@unilab.edu.br[2]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como problemática evidenciar o *afroafeto* como agência transgressora de permanência estudantil de mulheres negras na universidade pública, em específico a Unilab. No entanto, essa problemática leva em consideração todos os aspectos históricos no Brasil, além do papel social da mulher negra, colocando como principal foco a educação superior. O *afroafeto* é um conceito da intelectual Marta Quintiliano (2019), a partir desse aporte teórico, neste trabalho também levamos em consideração a filosofia africana Ubuntu, dentro de uma perspectiva feminista negra e de combate ao machismo, racismo, xenofobia e entre outras identidades que se interseccionam, como escrevem Drucilla Cornell e Karin Van Marle:

> nós precisamos avaliar ubuntu não simplesmente porque é africano ou sul-africano, mas sim porque o projeto filosófico que oferece é de construção solidária. E, deveras, se alguém leva a sério o [conceito] de ubuntu revolucionário como um projeto de transformação radical, a solidariedade deve estar no centro (2015, p. 7).

A pesquisa foi realizada com estudantes negras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab, localizada no Estado do Ceará, nos municípios de Redenção e Acarape. A delimitação da pesquisa foi com interlocutoras do meu ciclo de amizades, levando em consideração a realização de pesquisa entre iguais (Grada Kilomba, 2019). Por ser uma pesquisa delimitada na abordagem de 6 nacionalidades, a problemática não será baseada na questão da nacionalidade em si, mas, pelo fato de ser estudante da Unilab e mulher negra. Porém, o que será levado em consideração, será as percepções e vivências a partir da chegada na universidade, ou seja, antes de chegarem no Brasil viviam em uma outra realidade e a partir do contato em outra realidade – brasileira –, toda a idealização que se foi criada são mudadas devido ao choque cultural. Como afirma Peti Mama Gomes (2021, p. 288): “várias dessas mulheres [africanas] se frustram e se chocam com o que passam a experienciar no campo, inclusive porque, muitas vezes, as imagens e os imaginários prévios que detêm do Brasil são muito distintos do cotidiano vivenciado”. Logo, o interesse em pesquisar diferentes nacionalidades é no sentido de criar um lugar seguro de comunidade e *afroafetivo* entre mulheres negras, já que o Brasil é um país afro-diaspórico e não apenas colocá-las em um espaço homogêneo e de uma única categoria identitária. Por isso, este trabalho tem como problemática evidenciar o *afroafeto* como agência transgressora de permanência estudantil de mulheres negras na universidade pública, em específico a Unilab. No entanto, essa problemática leva em consideração todos os aspectos históricos no Brasil, além do papel social da mulher negra, colocando como principal foco a educação superior.

METODOLOGIA

A pesquisa se baseou em uma pesquisa qualitativa, cujo Dante Galeffi (2009) sustenta que a pesquisa qualitativa só faz sentido quando há uma provocação para mudanças. com debate teórico, bibliográfico, com análise de dados, censos e estatísticas, assim como, a utilização de narrativas com entrevistas abertas. Além disso, o tipo de pesquisa selecionado foi a pesquisa narrativa, assim como Grada Kilomba (2019) buscou em seu estudo, no livro Memórias da Plantação, transformar aquele espaço empírico e teórico, um lugar de reconhecimento das mulheres negras, como sujeitos, distanciando-as de um simples “objeto de estudo”. Ademais, na coleta de dados foi utilizado como aporte metodológico a história oral, logo, “sendo a memória, [...] o meio de salvaguardar a tradição, abordar as culturas africanas e suas ramificações pela diáspora, em

ISSN: 2447-6161

princípio, significa colocar em cena o papel e a função da memória no campo da tradição oral" (Conceição Evaristo, 2011, p. 51). Sendo assim, foram realizadas 6 entrevistas, de diversas nacionalidades que compõem a Unilab, importante destacar que a nacionalidade dentro desta pesquisa não será como ponto principal, mas entendo-a como uma identidade que intersecciona junto a raça, gênero, nacionalidade, religião, etnia, entre outras. A princípio de análise do material, será do uso da interseccionalidade como investigação crítica, para Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2020) significa trazer vários sentidos interseccionais para estudar sobre fenômenos sociais, assim desafiando e transformando as relações de poder que estão vigentes naquele contexto. Todas as entrevistas realizadas obedecem aos Critérios de Ética da Unilab e Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), obedecendo aos Critérios de Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no 510/2016 (Humanidades) e no 466/2012 (Ciências da Saúde) do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da realização das entrevistas, assim como, nas observações de campo, foi percebido 4 desafios, cujo foram citados em todas as narrativas, de maneira geral, entre os desafios interessa enfatizar: 1) a baxísima representatividade das mulheres negras na ciência, seja como professoras ou como leituras obrigatórias – desde o projeto pedagógico de curso, como nas ementas de disciplinas –; 2) a carência de debates sobre as questões étnico raciais em sala de aula (o problema da representatividade epistémica); 3) a discriminação face a face; as dificultades advindas do racismo e machismo estrutural; 4) as consequências racistas das noções meritocráticas que regulam os editais para acesso à auxilios permanência e bolsas estudantis. Outro tópico questionável é sobre a questão do *afroafeto* dentro das instituições acadêmicas, em uma das conversas, foi perguntado sobre se ela se sentia acolhida dentro da universidade e ela respondeu que se sentia sozinha em muitos momentos, ademais:

> Até hoje, porque eu vivo "meio" sozinha, falo com quem dá para falar, se conversa comigo. Tenho poucas amizades dentro da Unilab. Estava conversando com uma colega do curso do BHU, como o BHU é meio complicado de fazer amizades e fazer relações, porque é um curso extenso com muitas pessoas e é diferente dos outros cursos que vai em todos os semestres juntamente com outras pessoas assim que você conhece, mas o curso de BHU não é assim por causa das terminalidades, fica muito aberto para as pessoas irem para outros cantos e não se falarem tanto (Interlocutora 1, 27 jan. 2023).

Ou seja, a partir dessa fala além dos 4 desafios encontrados durante o percurso da pesquisa, o *afroafeto*, assim como, a construção e a manutenção de uma comunidade que colabora com a permanência dentro dos espaços acadêmicos, principalmente dentro da universidade é um dos principais agentes de política pública. Porque, além de um estudo para comprová-lo sua importância, a falta dele também afeta mentalmente as estudantes. Por isso, ela afirma que dentro do curso dela há uma "certa" dificuldade, porque os vínculos são construídos a partir de outras perspectivas. E daí vem a questão da representatividade dentro dos currículos, coordenações, os ppc (projeto pedagógico do curso), assim como, diálogos que vão além de um universo acadêmico. Também uma outra interlocutora fala sobre o *afroafeto*: "isso te ajuda a se manter aqui na universidade, além do dinheiro físico" (Interlocutora 2, 7 mar. 2024). Esse comentário não é uma deslegitimação das bolsas de permanência/estudantis, pelo contrário, é necessário de editais que reconheçam as identidades presente na Unilab, principalmente dos grupos mais vulneráveis, politicamente falando, as mulheres precisam ter um maior apoio dentro das universidades públicas e privadas, pois, "são o maior grupo populacional, 60,6 milhões, sendo 11,30 milhões de mulheres pretas e 49,3 milhões de mulheres pardas que respondem por mais de 28% da população total" (Ministério da Igualdade Racial, 2023, p. 5). Logo, é importante reconhecermos o poder da comunidade, de uma forma ética e afetuosa, em diálogo com Adilbênia Machado (2011) como a essência da comunidade que fortalece a identidade, por isso, a importância do *afroafeto*, porque de acordo com bell hooks "se uma ética amorosa influenciasse todas as políticas

ISSN: 2447-6161

públicas nas metrópoles e nas cidades, os indivíduos convergiriam e planejariam programas voltados ao bem de todos" (p. 134, 2021).

CONCLUSÕES

Em suma, esta pesquisa foi a partir de um grupo de projeto de pesquisa maior, além da colaboração financeira, houve uma colaboração acadêmica e de coletas de dados, pois, as entrevistas realizadas foram desde um vínculo afetivo-teórico-político (Vera Rodrigues, 2020). A partir disso, reconhecemos o *afroafeto* como uma agência de permanência, assim como, a importância da manutenção de políticas e assistências estudantis, para assim haver um maior número de estudantes negras formadas, porque além da inserção também é importante a permanência para a garantia de profissionais. Levando em consideração a comunidade e a sua importância, não romantizando-a, pois são relações humanas, e há conflitos, mas coletando aspectos positivos, desde sua manutenção, cuidado e trabalho coletivo, porque "quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras" (Angela Davis, 2017).

AGRADECIMENTOS

A Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP/MIH), assim como o financiamento no período de jan/2023 a abr/2024 com a Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e à Inovação Tecnológica - BPI, Edital 04/2022. Ao projeto de pesquisa "Gêneros e Feminismos na África Global" (UNILAB/CE), coordenado pela Profa Dra. Natalia Cabanillas, professora do Instituto de Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. A todas as mulheres que contribuíram e colaboraram para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

CORNELL, Drucilla; VAN MARLE, Karin. Feminismo Ubuntu: Reflexões tentativas. In: CORNELL, Drucilla; VAN MARLE, Karin. Ubuntu feminism: Tentative reflections. Verbum et Ecclesia. 36(2), Art. #1444. https://verbumetecclesia.org.za/index.php/ve/article/view/1444/2493, por Juliana Gonçalves Caceres.

DAVIS, Angela. TV UFBA. TV UFBA na íntegra HD – Angela Davis – Conferência Completa em Alta Definição. Bahia: TV UFBA, 2017. 1 vídeo (130 min). Disponível em: https://youtu.be/waCyuZZap9I. Acesso em: 09 out. 2024.

EVARISTO, Conceição. Poemas Malungos - Cânticos Irmãos. 2011, 178 f. Tese. (Doutorado em Literatura Comparada). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2011. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/7741/Tese_Dout.Concei%E7%E3oEvaristo_def.pdf;jsessionid=47ACBE1981363130833F32C84E62B45F?sequence=1. Acesso em: 05 set. 2024.

GALEFFI, Dante. Um rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO, Roberto Sidnei. Um Rigor Outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas. Salvador: EDUFBA, 2009.

GOMES, Peti Mama et al. Mulheres Africanas em um campo universitário urbano no Brasil. Tensões Mundiais, Fortaleza, v. 17, n. 33, p. 277-304, 2021.

hooks, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas.São Paulo: Elefante, 2021.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro:

ISSN: 2447-6161

Cobogó. 2019.
MACHADO, Adilbênia Freire. Linguagem e Identidade Africana / Afro-Brasileira. Fólio - Revista de Letras: Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, p. 201-219, 2011.
MINISTÉRIO DA IGUALDADE RACIAL. Informe do Ministério da Igualdade Racial - Monitoramento e avaliação - nº 2 - Edição Mulheres Negras. Brasília - DF, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/composicao/secretaria-de-gestao-do-sistema-nacional-de-promocao-da-igualdade-racial/diretoria-de-avaliacao-monitoramento-e-gestao-da-informacao/informativos/InformeMIRMonitoramentoeavaliaon2EdioMulheresNegras.pdf. Acesso em: 14 jun. 2024.
QUINTILIANO, Marta. Redes afro-indígenoafetivas: uma autoetnografia sobre trajetórias, relações e tensões entre cotistas da pós-graduação stricto sensu e políticas de ações afirmativas na Universidade Federal de Goiás. 131 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/12201/3/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Marta%20Quintiliano%20-%202019.pdf. Acesso em: 18 jun 2024.
RODRIGUES, Vera. PenseHumanas. QUANDO A MULHER NEGRA FALA: AFETO, TEORIA E POLÍTICA EM (DES) CONSTRUÇÃO. 13 abr. 2020. Disponível em: https://pensehumanas.com.br/post/quando-a-mulher-negra-fala-afeto-teoria-e-politica-em-des-construcao. Acesso em: 30 set. 2024.

ISSN: 2447-6161